

Finanças

financas@folhadelondrina.com.br

Investidor deve manter cautela

Mercado sofre turbulência com nova crise política e Tesouro chega a suspender venda de títulos

Finanças

Mercado Digital

Carro&Cia

Agronegócio



A orientação de economista ouvido pela FOLHA é que só o investidor "mais arrojado" deve aproveitar o momento de baixa para comprar ações a bom preço

Nelson Bortolin
Reportagem Local

A crise que atingiu em cheio o governo Michel Temer fez os mercados brasileiros acionarem travas de proteção contra fortes volatilidades nesta quinta-feira (18). O dólar comercial encerrou o dia com forte alta de 8,16%, para R\$ 3,390. A Bolsa desabou 8,83%, aos 61.575 pontos, depois de acionar, pela primeira vez desde 2008, a trava que interrompe seus negócios em caso de forte instabilidade, o circuit break. O Tesouro Nacional suspendeu leilões de títulos.

Economista da Guide Investimentos, Ignácio Crespo diz que o momento exige calma. "Ninguém deve sair por aí desfazendo posições. Não pode seguir a manada. A aversão a risco nem sempre faz sentido", afirma. Para ele, tudo leva a crer que a solução da crise não será rápida. "A percepção de risco pode su-

bir e a Bolsa operar num patamar ainda mais baixo."

Por isso, segundo Crespo, só o investidor "mais arrojado" deve aproveitar o momento de baixa para comprar ações a bom preço. "A tendência é de incerteza elevada por mais tempo."

O professor da Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande

do Sul (UFRGS) e sócio da Voking Investimentos, Guilherme Ribeiro de Macêdo, é um desses investidores arrojados. Ele aproveitou esta quinta-feira para comprar papéis. Mas, para quem pede uma orientação, a dica é outra. "Meu conselho para quem estiver investindo é continuar investindo. Quem não está deve esperar o cenário clarear", declara.

Macêdo diz que o escândalo em torno do presidente Temer pegou o mercado de

surpresa. "O que tínhamos no radar era a possibilidade de uma cassação do presidente (pelo Tribunal Superior Eleitoral). Mas a probabilidade era muito baixa", ressalta.

Segundo o professor, nenhum analista sério deve arriscar uma projeção de cenário de curto prazo. "A incerteza é muito grande. Tudo

“Meu conselho para quem estiver investindo é continuar. Quem não está deve esperar o cenário clarear”

depende das notícias que virão, de quanto o presidente estiver envolvido. Ontem (quinta-feira), em seu pronunciamento, ele demonstrou estar confiante e acalmou os mercados."

TESOURO

A professora de finanças do Instituto Educacional da BM&FBovespa e sócia da BSG

Duo Prata Treinamentos, Betty Grobmann, ressalta que o impacto do escândalo sobre o mercado de renda fixa também foi muito grande. E dá um exemplo: "O título NTN-B, do Tesouro Nacional, pagava 5,14% de juros reais na véspera e passou a pagar 6,01 (nesta quinta-feira)."

Para quem quiser investir agora, ela indica o LFT, com vencimento em março de 2023. "Aconteça o que acontecer esse título está seguindo a taxa de juros (Selic)."

Betty diz que o momento pede um ativo "mais líquido, que não amarre" o investidor por prazo muito longo. "Não sabemos o reflexo desse monte de delações", justifica. Os investimentos devem estar atrelados à Selic ou pagarem taxa de 100% ou mais da taxa DI.

Atendendo o mercado corporativo, o planejador fi-

nanceiro Maicon Putti, da Ideia Consultoria, aconselha os empresários a manterem os investimentos se tiverem um bom projeto. "As taxas de juros hoje não estão absurdas como antes. A equipe econômica deste governo tem credibilidade", justifica.

SUSPENSOS

A instabilidade gerada nas taxas de títulos públicos fez o Tesouro cancelar os leilões previstos para a quinta-feira. "O Tesouro Nacional informa que, em razão da volatilidade observada no mercado, não realizará os leilões de venda de Letras do Tesouro Nacional - LTN, com vencimentos em 01/04/2018, 01/04/2019 e 01/07/2020 e Letras Financeiras do Tesouro Nacional - LFT, com vencimento em 01/03/2023, programados para hoje (quinta-feira)." O risco-Brazil medido pelo CDS (credit default swap) tinha alta de 29,39%, para 266,67 pontos. (Com Folhapress)

Fundo de investimento tem dia agitado

A quinta-feira (18) foi de muita agitação na sede do Fundo de Investimento em Ações (FIA) Real Investor. O índice da Bolsa, o Ibovespa, terminou a sessão em queda de 8,8%, mas o FIA londrinense perdeu apenas 4% do valor da carteira, conforme garante o gestor César Paiva.

Isso só foi possível, de acordo com ele, devido a uma combinação de medidas tomadas nas últimas semanas. Paiva diz que, desde o final de março, o fundo adotou postura mais conservadora. "Não que soubéssemos o que iria acontecer, mas havia um ambiente político ruim, o governo Temer tem um teto de vidro, é impopular e estava com dificuldade para aprovar as reformas", justifica.

O gestor diz que, analisando o cenário, o FIA optou por vender nas últimas semanas parte dos ativos que haviam se valorizado bastante nos últimos tempos. "Vendemos alguns para aumentar nosso caixa e aproveitar novas oportunidades."

Ele também conta que comprou contratos futuro de dólar e de Ibovespa. Devido a isso, segundo Paiva, o novo escândalo político pegou o fundo "bem posicionado." "Quando o mercado abriu em queda de 9%, a gente vendeu os contratos de dólar e recompramos os do Ibovespa", afirma. Com isso, de acordo com ele, o fundo compensou parte das perdas causadas pela depreciação de suas ações.

E, ao mesmo tempo em que roubou parte do valor da carteira do FIA, o caos desta quinta-feira abriu oportunidades para o fundo. "Aproveitamos o dinheiro em caixa para comprar ações que tiveram quedas expressivas. São papéis do setor agrícola, de entretenimento, de varejo e bancos." Os deságios, de acordo com Paiva, variaram de 8% a 15% em relação ao preço da véspera.

Com isso, o FIA, que tinha 70% da carteira em renda variável, elevou essa participação para 85%. (N.B.)

Economistas já preveem corte menor para Selic

São Paulo – Nem bem a leva de economistas mais resistentes se dobrou as projeções da maioria e passou a contar com um corte na taxa básica de juros (Selic) de 1,25 ponto percentual, o tsunami que atingiu o governo mexe novamente com as previsões para os juros no País. Já há quem diga que o Banco Central deve optar por um corte de apenas 0,75 ponto percentual na próxima reunião, no fim de maio – metade do que chegaram a esperar os mais otimistas.

Solange Srouf, economista-chefe da ARX Investimentos, diz que é bem provável que o corte de 1,25 ponto percentual não se realize porque a previsão se ancorava tanto na alta probabilidade de que a reforma da Previdência fosse votada no início de junho quanto em um câmbio relativamente estável.

As expectativas de inflação, lembra ela, são muito influenciadas pelo câmbio, cuja trajetória agora é bastante incerta. "É a única certeza que dá para ter neste momento é que a

reforma não será votada quando se esperava." Jorge Simino, diretor de investimentos da Funesp, fundo de pensão com R\$ 27 bilhões sob gestão, avalia ser possível que a autoridade monetária opte por um corte menor, de 1 ponto percentual, no fim de maio. "Quem apostou em 1,5 ponto está fora do jogo e certamente vai arcar com prejuízo", diz.

Lucas Marins, analista da Ativa Investimentos, concorda e vai além. Marins não descarta a possibilidade de o BC esperar o cenário ficar mais claro para só depois definir que atitude tomar. "Quem se posicionou apostando que o BC ia cortar 1,25 ou 1,50 ponto percentual pode ter perdido dinheiro". Já o economista-chefe do banco Fator, José Francisco Gonçalves, avalia que há uma posição de cautela e, ao longo de duas semanas, se tiver um sinal de mudança rápida, sem grandes desgastes, é possível que o recado seja mais moderado e que haja um corte na Selic entre 75 pontos e 100 pontos. (Folhapress)